

CADERNOS AA

NEGOCIANDO CONDUTAS: ESTILO DE VIDA *STRAIGHTEDGE* NO BRASIL E OS DISCURSOS SOBRE POLÍTICA E SEXUALIDADE

João Batista de Menezes Bittencourt¹
Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

O artigo busca problematizar aspectos importantes da experiência de jovens brasileiros – especialmente paulistanos – adeptos do estilo de vida Straightedge, destacando a relação que estes possuem com as conhecidas normas de conduta que estão no cerne dessa identidade grupal, como o boicote às drogas lícitas e ilícitas e a crítica ao chamado sexo promíscuo. Para tal intento, nos debruçamos sobre dois aspectos recorrentes nas narrativas dos jovens: a politização da cena Straightedge brasileira e a baixa adesão à abstinência sexual. A proposta não é mostrar que esses elementos per se diferenciam os straightedges brasileiros dos demais, mas indicar que essas formações discursivas evidenciam uma maior negociação entre as regras que definem o pertencimento grupal e aquelas definidas pelos próprios jovens a partir de suas diferentes trajetórias.

Palavras-chave: straightedge, política, sexualidade

INTRODUÇÃO

Quando os adolescentes Ian Mackaye e Jeff Nelson escreveram em meados dos anos 1980 a canção Straightedge², não imaginavam que anos mais tarde as mensagens contidas nessa letra

1 Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas. Pesquisador do LACC – Laboratório da Cidade e do Contemporâneo. É autor do livro “Sóbrios, firmes e convictos: uma etnocartografia dos Straightedges em São Paulo”. São Paulo: Annablume, 2015. E-mail: joao.bittencourt@ics.ufal.br

2 I’m a person just like you /But I’ve got better things to do/Than sit around and fuck my head/Hang out with the living dead/Snort white shit up my nose /Pass out at the shows/ I don’t even think about speed/ That’s something I just don’t need/ I’ve got the Straightedge. Eu sou uma pessoa como você/ Mas tenho coisas melhores para fazer/ Do que ficar sentado e “foder” minha cabeça/ Andar com “mortos vivos”/ Cafungar “merda branca” para dentro do nariz/ Desmaiar nos shows/ Nem mesmo penso em bolinhas/ É algo de que eu simplesmente não preciso/ Eu tenho o “straightedge” (tradução do autor).

influenciariam jovens nas diversas partes do mundo. A música, com um forte apelo de inconformismo, expõe o desabafo de um jovem que diz ter coisas mais interessantes para fazer do que “andar com mortos vivos” ou “desmaiar nos shows”. Situações descritas de forma irônica pelos compositores em alusão ao comportamento niilista de muitos punks da cidade de Washington, D.C. A ideia defendida por ambos é que para ser “punk” não era necessário consumir drogas de maneira abusiva ou se envolver em brigas com gangues rivais, atitudes que, segundo os mesmos, ajudavam a reforçar os estereótipos sobre os frequentadores desses eventos musicais. Na época, o temor das autoridades locais com a ação dos punks era tão grande que jovens com idade inferior a 18 anos foram proibidos de frequentar casas de shows e bares. Esse foi um dos elementos que motivou os amigos MacKaye e Nelson a escrever uma letra onde expunham toda sua insatisfação com certas atitudes encabeçadas por indivíduos adeptos da cultura punk. A dupla partilhava a ideia de que a proibição era injusta, já que muitos jovens iam para essas festas porque gostavam da música e das mensagens presentes nas canções, e não porque seria um espaço propício para o consumo de drogas. Ao contrário, concordavam que essas substâncias só traziam “coisas negativas” para os indivíduos, fazendo com que os mesmos perdessem o controle sobre suas vidas. Aqui vemos uma ressignificação do antigo lema “Do It Yourself”, que para os punks tradicionais, significa poder agir de forma livre sem se preocupar com as normas instituídas. Para os straightedges³, esse lema possui outro sentido, trata-se de uma mensagem que incita os jovens a serem os verdadeiros responsáveis por suas vidas; a liberdade só é conquistada mediante uma auto-gestão dos indivíduos sobre seus corpos e mentes. É desse modo que a ingestão de substâncias responsáveis pela alteração dos estados de consciência passa a ser vista como atitude aprisionadora e não liberadora. Outra importante contribuição da dupla, é a ideia de definir como straightedge todos os jovens que, como eles, também optaram por um estilo de vida livre de drogas. A palavra Straightedge na língua portuguesa significa “esquadro”, o instrumento usado para medir ângulos e tirar linhas perpendiculares. Essa designação, segundo seus idealizadores, foi escolhida a partir de uma comparação com a “postura⁴ retilínea” adotada pelos jovens e a conformidade dos ângulos retos presente nesse mesmo objeto.

Até meados dos anos 80, o Straightedge era algo partilhado somente por um pequeno grupo na cidade de Washington, D.C., situação que mudou com o surgimento da banda Minor Threat, que trazia em sua formação os remanescentes do Teen Idols, MacKaye e Nelson. A popularização do estilo de vida veio rapidamente com pequenas turnês realizadas em diferentes cidades estadunidenses bem como por uma intensa distribuição de discos por selos especializados em música punk. É possível afirmar que a consolidação do Straightedge como estilo de vida juvenil nos Estados Unidos veio a reboque do “sucesso” conquistado pela banda Minor Threat, que rapidamente se tornou uma referência para os jovens defensores de uma vida livre de drogas.

De acordo com a pesquisa desenvolvida pelo sociólogo estadunidense Ross Haenfler (2004) com jovens de Los Angeles, New York e Connecticut, o Straightedge norte-americano possui bastante influência de um movimento que nos Estados Unidos recebeu o nome de New Left Middle-Class. O pensamento dessa “nova esquerda” oriunda de setores da classe média,

3 A palavra straightedge com “s” minúsculo faz referência ao jovem adepto. Já a expressão com “S” maiúsculo faz menção ao estilo de vida.

4 A palavra postura é uma categoria nativa, e pode ser interpretada como sinônimo de “ponto de vista”, “maneira de agir”. Mas entendo que no discurso apresentado pelos jovens, ela ganha uma conotação diferenciada, postura como “retitude”, “atributo daquele que trilha o caminho correto”. Para não haver mal-entendidos colocarei aspas sempre que me referir a essa expressão durante o texto.

pautava-se por “questões de natureza moral ou humanitária”, o que aponta para uma herança cristã.

In particular, sXe’s was emphasis on clean living, sexual purity, life time commitment and meaningful community was reminiscent of youth evangelical movements, while the focus on self-control suggested puritanical roots. In addition to these conservative influences, sXe⁵ was, in many ways, a continuation of New Left Middle-Class, radicalism oriented toward issues of a moral or humanitarian nature. (Haenfler. 2004:416).

Mesmo que MacKaye e Nelson não confirmem tal inspiração no conceito por eles desenvolvido, é inegável a influência do ascetismo protestante em suas visões de mundo.

Diferente do ascetismo em sua concepção mais tradicional, ou seja, um conjunto de práticas que visam a purificação do corpo mediante o abandono dos prazeres da carne, a versão desenvolvida por Max Weber (1905/2004) em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, sugere outra perspectiva. Para o sociólogo alemão, a boa relação com Deus é garantida por um controle racionalizado das práticas cotidianas que visam, dentre outras coisas, um intenso disciplinamento do corpo, tornando-o imune as armadilhas do prazer erótico.

A “herança cristã” ao qual se refere Ross Haenfler em relação às condutas dos straightedges dos EUA, certamente não diz respeito apenas ao boicote consciente de jovens à indústria das drogas, mas também a uma noção mais ampla de “pureza corporal” que está no cerne de suas visões de mundo. O ascetismo encarnado por esses jovens compreende um bloqueio a todos os elementos que, sob suas perspectivas, podem vir a contaminar seus corpos e espíritos. É desse modo que há por parte de muitos straightedges norte-americanos uma administração rigorosa das práticas erótico-afetivas, pois o “sexo promíscuo” é percebido como um agente poluidor. Em “Pureza e Perigo” (1966), a antropóloga Mary Douglas constrói uma análise que visa apresentar o par pureza /sujeira como parte de um esquema classificatório existente em todas as sociedades, mas que possui variações no que diz respeito às significações atribuídas ao binarismo. Apoiado em Douglas, podemos dizer que a crítica ao sexo promíscuo pelos straightedges não está relacionada ao medo de uma contaminação real dos corpos, mas a uma concepção de desordem que pode vir a confrontar a estrutura de poder ao qual se assenta as percepções que definem a manutenção do grupo.

CONSIDERAÇÕES TÉCNICO-METODOLÓGICAS

Os dados que apresento neste artigo foram extraídos de uma intensa pesquisa de campo realizada entre os anos de 2007 e 2010 na cidade de São Paulo, com garotos e garotas adeptos/as desse estilo de vida. Além de incursões etnográficas em eventos de música hardcore, especialmente os direcionados ao público straightedge, fizemos entrevistas com jovens de diferentes faixas etárias, perfis socioeconômicos, como também diferentes visões de mundo, escolha metodológica que nos permitiu um olhar mais abrangente acerca das diferentes maneiras de vivenciar o Straightedge. A escolha por esses jovens deveu-se ao fato da cena⁶ Straightedge pau-

5 O sXe é uma abreviação para *straightedge* utilizada comumente pelos adeptos da postura.

6 O conceito de cena, assim como o de microculturas ou neo-tribos, surgiu para fazer frente a rigidez estrutural da noção de subculturas de viés marxista, ligado a resistência e a luta de classes. A ideia desenvolvida por Will Straw, em 1991 no texto *Systems of Articulation, Logics of Change: Communities and Scenes and Popular Music*, apresenta a cena como um espaço social que nos permite compreender a circulação, a distribuição e o consumo

lista possuir grande destaque dentro do país como também em toda a América do Sul. Posição prestigiosa alcançada principalmente em virtude das atuações do Coletivo Verdurada⁷ e do Selo Musical Liberation⁸.

Antes de apresentar nossa breve descrição sobre o surgimento e difusão dessa “filosofia de vida” em contexto brasileiro, consideramos importante destacar como esse grupamento juvenil foi problematizado em nossa pesquisa.

Sabemos que no campo de estudos da juventude, esses grupos ou associações geralmente são percebidas através de categorias como tribos urbanas (Maffesoli, 2006), subculturas (Hall & Jefferson, 1976) ou culturas juvenis (Feixa, 2004). Apesar de reconhecermos a importância desses conceitos, principalmente no que diz respeito a construção de alternativas a uma concepção de juventude que por muito tempo foi pensada exclusivamente a partir de aspectos estruturais, seja em relação a escola, a família ou o trabalho, consideramos que esses tendem a produzir certa homogeneidade das experiências juvenis. A noção de “tribo”, por exemplo, é bastante controversa, uma vez que nos remete a uma ideia desenvolvida por etnólogos para classificar grupos humanos bem diferentes daqueles observados na cidade. Concordo com as argumentações de Magnani (1992), que percebe a utilização desta como metáfora e não como categoria. “Enquanto aquela é tomada de outro domínio, e empregada em sua totalidade, categoria é construída para recortar, descrever e explicar algum fenômeno a partir de um esquema conceitual previamente escolhido” (pp. 48-9). Outro aspecto não menos problemático compreende a carga de espetacularização e exotização que recai sobre os grupos reconhecidos como “tribos urbanas”, especialmente quando aparece em matérias jornalísticas.

A noção de subculturas foi, e continua sendo, uma importante ferramenta para as análises que se debruçam sobre as práticas juvenis, tornando-se uma referência quase obrigatória nos trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva dos Cultural Studies. Confrontando o pessimismo do discurso frankfurtiano que percebe o divertimento como mera invenção burguesa responsável pela produção da passividade dos seres humanos, os teóricos dos estudos culturais britânicos, viram nas formas de lazer subcultural uma potencialidade disruptora. Para eles, essas práticas consistiam em rituais de resistência à cultura dominante hegemônica. Uma resposta estilizada da juventude pertencente às classes trabalhadoras. O trabalho de Stuart Hall e Tony Jefferson, “Resistance Through Rituals: Youth Subcultural in Post-War Britain”, de 1976 é uma das mais importantes referências dessa perspectiva analítica. Recentemente, pesquisadores filiados aos chamados estudos pós-subculturais (Bennett, 1999; Muggleton, 2002; Thornton, 1995) têm revisitado o conceito de subcultura apontando inúmeras críticas, tais como: suposto elitismo cultural presente nas escolhas dos pesquisadores, ausência de teorização sobre as práticas da po-

de música no contexto urbano. Apesar dessa concepção aparecer ao longo do texto, sua utilização nesse trabalho é mais ilustrativa do que conceitual.

7 O Coletivo Verdurada surgiu em 1996 na cidade de São Paulo com a proposta de difundir o straightedge e o vegetarianismo a partir de um evento que leva o mesmo nome do coletivo. O formato conta com apresentação de bandas de Hardcore, Metal e seus subgêneros, palestras com temas de cunho político-social e um jantar vegetariano.

8 Surgido em 1992, o selo Liberation, que também era um fanzine, teve um papel decisivo na divulgação do straightedge no Brasil, na América Latina e Europa. Seu idealizador Marcos Suarez esteve à frente de uma das mais importantes bandas straightedges de São Paulo, o Point of no Return, ou XPONRX. Alçada ao status de gravadora em 1996, lançou dezenas de bandas straightedges brasileiras e estrangeiras, como: Point on no Return, Confronto, Discarga, O Inimigo, Nueva Ética (ARG), Heaven Shall Burn (ALE), Caliban (ALE), Purification (ITA), entre outras.

pulação jovem negra, supervalorização do indicador classe em detrimento de outros indicadores sociais para análise das práticas juvenis, etc.

Por fim, temos a concepção de culturas juvenis, que sob alguns aspectos se assemelha a de subcultura por privilegiar as experiências coletivas dos agentes jovens produzidas em situação de tempo livre. Feixa (2004) pensa o conceito como uma alternativa ao de “tribo urbana”, que, segundo o mesmo, está fortemente marcado por sua origem midiática por seus conteúdos estigmatizantes. De acordo com o antropólogo, essa mudança conceitual é também uma mudança na maneira de encarar o problema:

Este cambio terminológico implica también un cambio en la “manera de mirar” el problema, que transfiere el énfasis de la marginación a la identidad, de las apariencias a las estrategias, de lo espectacular a la vida cotidiana, de la delincuencia al ocio, de las imágenes a los actores. En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. (Feixa, 2004, p.6).

Em nossa pesquisa, optamos por utilizar a noção de estilo de vida para não nos comprometermos com nenhuma das categorias elencadas acima. Essa categoria se aproximava mais da definição que os próprios jovens possuíam acerca de suas relações com o Straightedge. Eles diziam que se tratava de uma “filosofia de vida”, de uma “escolha pessoal”, ideias que demonstram uma maior monitoração reflexiva por parte dos agentes. Mesmo sendo utilizada inicialmente como uma “categoria nativa”, buscamos fundamentação teórica no conceito desenvolvido por Anthony Giddens (2002). Para o sociólogo inglês, o conceito pode soar um pouco trivial porque muitas vezes é apresentado como um subproduto do consumo de massa – escolhas cotidianas que são mediadas pelas imagens produzidas pela máquina publicitária. Porém, ele destaca que existe algo mais fundamental em torno dessa concepção e que se relaciona com estatuto da escolha no contexto contemporâneo. Não apenas seguimos estilos de vida, mas somos obrigados a fazê-lo:

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade. (p.79).

Após essa breve exposição a respeito das escolhas teóricas e metodológicas que nortearam a produção desse texto, passaremos a contextualizar o surgimento desse estilo de vida no Brasil, especialmente em São Paulo.

«STRAIGHTEDGES» NO BRASIL

Apesar de não haver muita clareza sobre como e quando a filosofia de vida Straightedge chegou ao Brasil, os veteranos da cena costumam afirmar que tudo começou no início dos anos 1990. O divisor de águas para alguns foi a passagem da banda Shelter pelo país no ano de 1996 para divulgar o álbum Mantra⁹. O grupo possuía em sua formação duas importantes figuras da cena Straightedge nova-iorquina, o guitarrista Jonh Porcelly e o carismático vocalista Ray

9 Na época o Shelter tornara-se bastante conhecido em decorrência da canção “Here We Go”, cujo videoclipe era exibido diuturnamente na MTV Brasil.

Cappo, que em meados dos anos 1980 compunham a linha de frente do Youth of Today. Se antes o Straightedge era apenas um estilo de vida abraçado por poucos jovens que frequentavam a galeria do Rock de São Paulo¹⁰ para consumir as novidades que chegavam por intermédio de LPs, K7s e revistas especializadas, após esse acontecimento ele passou a fazer parte do cotidiano de centenas de jovens. Estes agora exibiam orgulhosamente o X nas mãos como forma de distinção em relação aos demais grupamentos juvenis. As primeiras matérias¹¹ sobre esse estilo de vida em revistas de grande circulação do país também vieram após 1996, o que reforça o argumento da vinda do Shelter como divisor de águas. Apesar de ter sido fortemente influenciada pela cena estadunidense, principalmente nos seus primeiros anos, a cena straightedge brasileira também estreitou laços com as cenas europeias. Bandas alemãs, italianas, holandesas, portuguesas, entre outras, participaram de eventos como a Verdurada e o Festival Hardcore de São Paulo, assim como bandas brasileiras se apresentaram em importantes festivais europeus como o Fluffy Fest (República Tcheca), o Ieper Hardcore Fest (Bélgica).

Um dado interessante compreende a relação entre Brasil e Portugal, países que possuem um forte vínculo cultural e histórico. Apesar da inegável influência da cultura portuguesa na formação dos gostos e costumes da população brasileira, já apresentada em textos clássicos de sociólogos e antropólogos¹² e do compartilhamento da língua, podemos dizer que no tocante a música Punk/hardcore e à filosofia Straightedge essa influência não possui a mesma força. Vale destacar que as primeiras manifestações do Punk em ambos os países se deram praticamente no mesmo período, à saber, no final dos anos 70. Porém, se em Portugal, como afirmam Guerra e Silva (2015), “a penetração do punk faz-se com jovens bem colocados na hierarquia social e/ou bem integrado nas esferas artísticas” (p.14), no Brasil, ele se expressou através de gangues de rua, composta majoritariamente por jovens pobres e negros (Caiafa, 1985; Costa, 2000). Em relação à filosofia Straightedge, também percebe-se uma origem cronológica semelhante entre os dois países: o início dos anos 1990. Em Portugal, especificamente em Lisboa, os pioneiros do hardcore/punk straightedge é o X-Acto, formada em 1991. Já no Brasil, precisamente em São Paulo, as primeiras bandas Straightedges surgiram em 1993, são elas: Positive Minds, Personal Choice e Self Conviction. Diferentemente da origem socioeconômica dos primeiros punks, os jovens straightedges brasileiros advinham das camadas médias da população. Em entrevista presente no livro *Sober Living for the Revolution – Hardcore Punk, Straight Edge and Radical Politics* (Kuhn, 2015), Bruno Teixeira, vocalista do New Winds - importante nome do hardcore straightedge português, tece alguns comentários sobre as aproximações e distanciamentos entre as cenas brasileiras e portuguesas. Em uma das passagens ele destaca que:

People are very friendly and warm and society is completely different from what you're used to in Europe. It's something way out of everything you known or lived. I think this is the main reason why most Brazilian bands — and I'm not just talking about hardcore — have such strong social and political lyrics. People are not spoiled like we are in Europe or in the US. A lot of people just try to survive. And many of them turn to music to spread revolutionary messages. (...). (p.102)

10 Tradicional reduto comercial localizado no centro da cidade de São Paulo, especificamente entre a Rua 24 de Maio e o Largo do Paissandu. Foi inaugurado em 1963 com o nome de Shopping Center Grandes Galerias, passando a ser conhecido posteriormente como Galeria do Rock em virtude da predominância de lojas especializadas na venda de produtos destinados ao público amante desse gênero musical. É considerada um dos principais points dos grupamentos juvenis da cidade de São Paulo.

11 Em 02 de Abril de 1997, a Revista Isto É publica uma reportagem intitulada “Caretas radicais”, onde apresenta a filosofia straightedge a partir de sua “condenação às drogas e ao sexo promíscuo”.

12 As teses de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre sobre as origens do povo brasileiro encontradas respectivamente nas obras *Raízes do Brasil* e *Casa, Grande e Senzala*, são dois excelentes exemplos para compreender os vínculos sociais e históricos que conectam Brasil e Portugal.

No trecho podemos perceber que o entrevistado associa a forte conotação política existente na cena Straightedge brasileira às dificuldades econômicas existentes no país, que forçaria os indivíduos a direcionar suas energias para a sobrevivência material, algo que os diferenciariam dos jovens da Europa ou dos EUA. Concordo com a importância atribuída às condições materiais de existência na formação das distintas cenas musicais, porém, é fundamental não produzirmos essencialismos em torno das mesmas. As “mensagens revolucionárias” presentes nas músicas as quais o entrevistado se refere, não são um produto extraído diretamente das vivências dos jovens. Ou seja, elas são mais devedoras do capital cultural (Bourdieu, 2005, 2007) que eles dispõem e que possibilita uma reflexão política mais sofisticada do que de uma vivência direta dessas experiências. Como já demonstrara anteriormente, grande parte dos straightedges brasileiros pertencem às camadas médias da população¹³, o que não significa afirmar que não existam jovens pauperizados adeptos do estilo vida e muito menos que jovens pertencentes às camadas médias não são afetados por problemas estruturais mais abrangentes. Sob esse ângulo não existiria uma grande diferença entre jovens brasileiros e portugueses, ao menos no que diz respeito a posição ocupada na estrutura social dos respectivos países. Porém, concordo que as agendas de reivindicações políticas em ambas as cenas são diferentes, o que sugere que os straightedges brasileiros sejam “mais politizados” que os europeus e estadunidenses. A “herança cultural” também aparece na entrevista como um possível elemento que aproximaria as cenas portuguesas e brasileiras.

I also think you are right to some degree with regard to the cultural heritage. I can't really explain why, but when I went to Brazil for the first time I didn't feel that it was something new, it felt like a place. I had already been to. It's strange but I think that Brazil has always been in my subconsciousness. (p.102)

Certamente houve influência portuguesa em decorrência do processo de colonização, bem como de outros grupos étnicos, mas utilizar o argumento de “herança cultural” para construir possíveis aproximações entre cenas musicais distintas e situadas em um mesmo recorte temporal pode gerar interpretações reducionistas. A “cultura” não é algo que se inscreve de uma vez por todas no inconsciente coletivo de uma população, ela é ressignificada a todo instante a partir de outros referentes culturais absoldidos, bem como de elementos históricos, econômicos e tecnológicos. Entendo que falar de uma herança cultural portuguesa na cena Straightedge brasileira nesses moldes pode ser tão problemático como também sugerir influências da cultura africana ou indígena nessa mesma cena. Os elementos que conectam straightedges brasileiros e portugueses são os mesmos que conectam jovens de distintas cenas nas mais diferentes partes do mundo: a identificação com as ideias do estilo de vida, o amor pela música hardcore e o desejo de estar junto com seus pares partilhando elementos em comum.

Apesar desses elementos comuns compartilhados, não se pode falar de uma homogeneidade global no que diz respeito às experiências vivenciadas pelos jovens adeptos do estilo de vida. Não podemos dizer que ser straightedge no EUA ou em Portugal é semelhante a ser straightedge no Brasil ou na Argentina, mesmo que em todos esses países o boicote às drogas lícitas e ilícitas e o envolvimento com a cena hardcore conectem esses jovens em torno de uma suposta identidade juvenil. Em relação aos straightedges brasileiros, há especialmente dois aspectos que merecem nossa atenção: uma acentuada politização da cena hardcore e a baixa adesão por parte dos jovens ao boicote do sexo casual, que também é conhecido entre os iniciados como “sexo

13 Muitos dos jovens que adotaram o estilo de vida straightedge no início dos anos 1990 em São Paulo, estudaram em colégios privados ou escolas-modelo, possuíam computadores e telefones em suas residências e detinham recursos financeiros para consumir discos, fitas k-7, revistas e outros materiais sobre cultura punk que chegavam do exterior.

promíscuo”. Isso não significa dizer que todos os straightedges brasileiros são necessariamente engajados em causas sociais e políticas e que não há jovens que levem a sério a ideia de sexo apenas com compromisso firmado, mas sim que existe uma maior negociação entre as regras que definem o pertencimento ao estilo de vida e aquelas produzidas pelos próprios jovens a partir de suas diferentes trajetórias.



Cartaz do 4º Festival Hardcore de São Paulo. Imagem de Frederico Freitas (www.verdurada.org).

A CENA «STRAIGHTEDGE» PAULISTANA E A HERANÇA ANARQUISTA

Bittencourt (2015) aponta que essa politização da cena está na influência que o anarquismo exerceu sobre a primeira geração de straightedges. As discussões iniciais em torno dessa filosofia de vida foram realizadas por um coletivo anarquista de jovens paulistanos chamado “Juventude Libertária” ou apenas JULI. Ele agregava jovens pertencentes à cena Punk/Hardcore de São Paulo e produziam informativos e fanzines para divulgar o anarquismo. Alguns straightedges que faziam parte do JULI resolveram criar outro grupo para divulgar a filosofia Straightedge, surgindo dessa maneira o SELF ou Straightedge Life Family. Apesar da cisão, algumas ideias anarquistas continuaram exercendo grande influência sobre a visão política desses jovens, principalmente no que diz respeito a fundamentação discursiva para a adoção do veganismo. Para

que os seres humanos pudessem alcançar a tão sonhada liberdade seria preciso uma ruptura com as diversas formas de dominação existentes, incluindo as que são produzidas na relação humanos e não-humanos.

Cartaz do 6º Festival Hardcore de São Paulo. Imagem de Frederico Freitas (www.verdurada.org).

A Verdurada, tradicional evento produzido pelo coletivo que leva o mesmo nome, também revela essa acentuada politização comentada anteriormente. Seu formato, além de possuir shows de bandas Punk/Hardcore, também conta com a exibição de documentários e palestras com temas de cunho político-social, como violência de gênero, violência policial, intervenções urbanísticas, destruição ambiental, trabalho escravo, entre outros. Um jantar vegetariano também é servido para os participantes no final do evento. De acordo com membros do coletivo, a Verdurada inicialmente era uma festa organizada pela JULI em oposição as tradicionais “churrascadas¹⁴” tão comuns entre o público jovem brasileiro. Ela acontecia na casa de um dos membros do coletivo, e não era permitido o consumo de drogas ou de alimentos de origem animal. Com o crescimento da cena Straightedge de São Paulo, ela passou a acontecer em um galpão localizado nas imediações da estação de metrô Jabaquara, precisamente na Rua Anita Costa, 155. No início dos anos 2000, quando as manifestações antiglobalização¹⁵ explodiram nas diversas partes do mundo, o coletivo Verdurada acabou firmando uma parceria com o Centro de Mídia

14 Reuniões festivas onde há um exagerado consumo de carne (churrasco) e bebidas alcoólicas, especialmente cervejas.

15 As manifestações antiglobalização foram uma reação da sociedade civil (sindicatos, ambientalistas, ONGS, etc.) aos vários problemas socioeconômicos nos mais diferentes países ocasionados pelo processo de globalização, que aumentou o poder do capital financeiro a partir dos acordos comerciais que beneficiavam as empresas transnacionais.

Independente¹⁶ para desenvolver atividades diversas, passando por palestras sobre o papel das organizações multilaterais (FMI, ALCA, OMC) no contexto do capitalismo contemporâneo até oficinas que visavam preparar os jovens para as manifestações que estavam ocorrendo na cidade.

Como é possível perceber, em ambos os cartazes há referências diretas às chamadas manifestações antiglobalização. Em um deles pode-se ver a imagem do subcomandante Marcos, um dos líderes do movimento zapatista¹⁷ e do EZLN, que acabou se tornando um símbolo da luta anti-imperialista em toda a América Latina. Já o outro, que traz uma imagem do ator Charles Bronson em meio a um show de hardcore, é uma alusão ao estado policialesco que se instaurou nas diferentes cidades da América latina e Europa, com o intuito de desestabilizar possíveis focos desse movimento. Membros mais antigos do Coletivo Verdurada costumam dizer que o início dos anos 2000 foi o período em que a cena Straightedge de São Paulo esteve “mais politizada”, certamente, essa afirmação possui relação com o contexto de ebulição política emergente no início do século XXI. Apesar de um suposto arrefecimento dessa politização, o Coletivo Verdurada continua realizando eventos com o mesmo formato, discutindo outros temas importantes dentro da atual conjuntura política brasileira.

SOBRE A ECONOMIA ERÓTICO-AFETIVA

Outro posicionamento adotado pelos jovens brasileiros e que demonstra também uma maior negociação dos agentes com as regras que compreendem o estilo de vida, diz respeito a uma baixa adesão da abstinência ao sexo casual, condição que se expressa com mais força nos straightedges estadunidenses e canadenses, conforme aponta alguns estudos (Haenfler, 2004, 2006; Atkinson, 2006). Conversando com alguns jovens durante a pesquisa sobre o boicote ao chamado “sexo promíscuo”, muitos sorriam e comentavam que isso era mais comum nos EUA, apesar de reconhecerem que existiam alguns straightedges que “levavam essa regra a sério”, principalmente os chamados “harekrishnas”, ou seja, os adeptos do Vaishnavismo. Como já fora mencionado, a passagem do Shelter pelo Brasil foi um “divisor de águas”, não apenas no que diz respeito à divulgação do estilo de vida Straightedge, mas também no tocante a divulgação do posicionamento religioso adotado pelos membros da banda. Em virtude da junção dessas duas filosofias de vida assumidas e promovidas pelos membros da banda estadunidense, alguns jovens brasileiros aderiram o Straightedge e o vaishnavismo, pois percebiam inúmeras semelhanças entre ambas, tais como a crítica à violência praticada contra os animais não-humanos e uma acentuada concepção de pureza corporal. Essa proximidade se torna ainda mais evidente diante do status diferenciado que a tradição religiosa de matriz hinduísta goza na cena Straightedge de São Paulo. Durante a pesquisa, alguns jovens que mantinham vínculo com as religiões cristãs questionaram essa “suposta abertura” para o vaishnavismo, pois entendiam que

16 O CMI é uma rede mantida por produtores e produtoras de mídias que utilizam a internet para difundir informação alternativa ajudando na construção de uma sociedade mais justa e igualitária em todos os sentidos.

17 O movimento zapatista possui como fonte de inspiração a luta de Emiliano Zapata, figura que se destacou por confrontar o regime autocrático de Porfirio Díaz, culminando na Revolução mexicana em 1910. Dentre as pautas defendidas pelo movimento destaca-se a autonomia política do território, a participação direta da população e partilha da terra e dos meios de subsistência. A declaração de guerra dos zapatistas no ano de 1994 à NAFTA (North American Free Trade Agreement), que previa um acordo de livre comércio entre EUA, Canadá e México, tornou-se um exemplo de luta anticapitalista nas américas, uma referência importante para os chamados movimentos antiglobalização.

se era para criticar o dogmatismo das religiões, que não fossem feitas concessões. A parceria com os harekrishnas se confunde com a própria fundação do Coletivo Verdurada, pois, eram eles que preparavam – e ainda preparam¹⁸ - e distribuem o jantar ao final do evento. Mantese, em pesquisa realizada no ano de 2005, já indicara essa relação de proximidade ao mostrar que a distribuição da refeição nas Verduradas obedece a uma lógica ritual própria da religião hindu. “É um preceito da religião distribuir comida a outras pessoas, ato que é feito de acordo com uma etiqueta ritual. O alimento na verdade é ofertado a Krishna e recebe o nome de prasada. (p.56).

No ano de 2008, tive a oportunidade de prestigiar um importante evento chamado Animal Liberation Fest, que fora organizado por um conhecido selo da cidade chamado Seven Eight Life que tinha como objetivo principal a divulgação do veganismo. Para essa edição eles trouxeram o grupo estadunidense 108, que assim como o Shelter e o Better Than a Thousand, também era rotulado como uma banda de “krishnacore”. Nesse evento, os harekrishnas não apenas ficaram responsáveis pela preparação do jantar; eles estavam no palco se apresentando em diferentes bandas¹⁹ como também espalhados pelo galpão Jabaquara, seja nas bancas distribuindo e comercializando produtos religiosos ou participando ativamente dos shows. Uma das cenas mais curiosas que pude registrar em um show de música hardcore foi a performance de devotos munidos com seus instrumentos musicais característicos entoando cantos de louvor a Krishna nos intervalos dos shows. A surpresa não era somente com a performance inusitada, mas principalmente com a recepção dos não-devotos que estavam no evento para prestigiar as bandas de hardcore. Eles não apenas estavam completamente à vontade com a situação, como alguns se aproximavam para participar do rito. Enquanto observava a cena ficava imaginando que se a manifestação em questão fosse de natureza cristã - uma pregação protestante ou católica - por exemplo, provavelmente ela não seria bem-vinda. Pois, muitos straightedges brasileiros, diferentemente dos estadunidenses ou canadenses, são avessos aos dogmas do cristianismo, fato que pude comprovar durante as entrevistas realizadas. Penso que esse acolhimento diferenciado por parte de muitos straightedges ao vaishnavismo, não possui relação com uma predileção pelos dogmas desta religião, ou seja, com o conteúdo dos seus enunciados, e sim com aquilo que a antropóloga Janice Caiafa (2007) inspirada por Gilles Deleuze define como simpatia, ou melhor, “o afeto que nos permite entrar em contato com os heterogêneos que nos cerca” (p.152). É uma questão de agenciamento e não de identificação. Essa percepção de que existe uma conexão entre ambas as filosofias de vida não é algo experimentado exclusivamente pelos straightedges, os devotos também se sentiam bem à vontade no espaço. Além dos elementos em comum já apontados anteriormente, podemos destacar também que o fato do vaishnavismo ser considerado uma tradição “menor” no conjunto das religiões consideradas hegemônicas no país faz com que os jovens relativizem a sua condição de religião doutrinadora.

Voltando ao aspecto da sexualidade, é possível concordar com os jovens de que a abstenção das relações sexuais seja um discurso mais comum entre aqueles que também são devotos de krishna, uma vez que dentre os princípios reguladores da doutrina destaca-se a proibição ao sexo ilícito²⁰. Porém, há também os que se dizem “abstêmios” sem possuir uma filiação religiosa, atribuindo a decisão ao conjunto das regras que definiria o Straightedge. Um dado que merece

18 Recentemente fui informado por um dos membros do Coletivo Verdurada que o preparo e distribuição do jantar nas Verduradas ainda fica sob a responsabilidade dos harekrishnas, mesmo com o fechamento do Galpão Jabaquara e a realização do evento em diferentes espaços da cidade.

19 Além do 108, nesse dia se apresentou um grupo de krishnacore paulistano chamado Levante.

20 O sexo ilícito é aquele praticado fora do matrimônio. As relações sexuais só são permitidas entre homens e mulheres casados e com a finalidade de gerar crianças instruídas nos ensinamentos de krishna. O desfrute sexual é

nossa atenção é que, apesar da pureza sexual despontar como parte das “regras” que definem o estilo de vida, não há muita clareza por parte dos adeptos – e dos próprios pesquisadores – sobre os processos que permitiram a emergência dessa norma. Haenfler (2004), ao se debruçar sobre o surgimento do Straightedge nos EUA, discorre sobre a forte influência exercida pelo protestantismo, chave importante para entender alguns discursos críticos a respeito do chamado sexo promíscuo. De maneira semelhante ao Vaishnavismo, o protestantismo não defende o celibato, mas uma regulação das práticas sexuais, por entender que o problema está na ausência de controle por parte dos indivíduos. Muitos straightedges brasileiros desvinculam a crítica ao sexo promíscuo dos princípios religiosos, discurso que também é expresso por alguns straightedges norte-americanos. Sobre essa questão, Atkinson (2006) afirma que: “Straightedgers generally reject religious meta-narratives regarding worldly experience, do not view their pro-normative behaviours as sectarian or unusual, and eschew the idea that self-restraint is self-harm” (p. 75). A explicação para a negação do ato sexual descompromissado por parte de alguns jovens quase sempre é apresentada como uma atitude de respeito dirigida ao parceiro ou parceira. Certamente não podemos descartar que, apesar de muitos straightedges afirmarem que não há uma regra de “abstenção sexual” presente nos fundamentos do estilo de vida, há referências a mesma, como sugere o conhecido trecho da canção *Out of Step* do *Minor Threat*: “I don’t smoke, I don’t drink, I don’t fuck”. Mesmo que haja diferentes interpretações sobre a letra, a máxima “I don’t fuck!” surge como um imperativo que acompanha as outras duas máximas definidoras do discurso Straightedge. Enquanto cientista social, nosso papel não é afirmar se o boicote ao sexo casual é ou não uma regra entre os straightedges, e sim, compreender o impacto desses enunciados entre os adeptos, mostrando como eles os absorvem e os ressignificam. Subverter o sentido religioso que se encontra impregnado em tal conduta é uma forma de ressignificação.

Conforme apresentado anteriormente, muitos dos straightedges paulistanos que tive a oportunidade de entrevistar pareciam não se importar muito com a questão da sexualidade, sejam garotos ou garotas. Defendiam que os únicos elementos que os tornavam “um grupo” era o fato de não consumirem drogas lícitas ou ilícitas e estarem envolvidos com a cena *Hardcore/Punk*²¹, o restante dependia das escolhas de cada um. Essa ambiguidade nos posicionamentos em relação a sexualidade, pode ser expressa nos comentários de um dos fundadores do Coletivo Verdurada, que na época tinha 32 anos: “A cena sempre mostrou posições extremas para mim: tinha uns caras harekrishnas, abstêmios, que não faziam sexo e tinham por outro lado o cara que era promíscuo e que queria transar com todo mundo”. Esse mesmo interlocutor relatou que alguns jovens mantinham relações sexuais em espaços localizados nos arredores de onde aconteciam as Verduradas, o que reforça o argumento da negociação por parte dos jovens com os códigos standardizados da filosofia de vida.

Um elemento que chama atenção nas Verduradas e em outros eventos organizados e frequentados por straightedges, é a ausência de trocas de carícias entre os casais, seja heterossexuais ou homossexuais²². É patente que estamos diante de uma economia erótico-afetiva diferenciada, se tivermos como referência as tradicionais baladas frequentadas por jovens, que buscam dentre outras coisas, a fruição de seus desejos sexuais. O que não significa dizer que os jovens

percebido como uma afronta ao espírito. Esse princípio foi instituído por Srila Prabhupada, o fundador da sociedade internacional para a consciência de Krishna, também conhecida como ISKCON.

21 Em algumas entrevistas também houve quem apontasse que o vegetarianismo e a “consciência política” são itens indispensáveis para a formação de uma “identidade straightedge”.

22 Durante as minhas incursões em campo não presenciei em nenhum dos eventos casais que expressassem publicamente sua homossexualidade.

não possam vir a frequentar shows de hardcore com o intuito de “paquerar”, “flertar” ou buscar um possível parceiro ou parceira sexual. A questão que se coloca é a performance dos corpos presentes no espaço, especificamente, o espaço do Galpão Jabaquara, que pude frequentar com mais intensidade quando estive desenvolvendo a pesquisa. Havia casais que aparentemente possuíam um vínculo afetivo-amoroso, mas as trocas de carícias se limitavam a um braço em volta da cintura enquanto assistiam ao show, ou a circulação de mãos dadas pelo local. Ao tratar desse assunto com os garotos e garotas straightedges, alguns responderam que “Trata-se de um show de hardcore, não é uma balada!”. Com essa afirmação, pude entender que eles reivindicavam outra concepção de festa, buscando se distanciar ao máximo das “baladas”, ou melhor, das festas onde se percebe um consumo exagerado de bebidas alcoólicas, que é animada por músicas com apelo massivo e onde as pessoas buscam experiências erótico-afetivas “descompromissadas”.

MACHISMO E SEXISMO

Uma importante chave interpretativa sobre essa des-erotização²³ do espaço foi descrita por um dos interlocutores ao apresentar o formato das primeiras Verduradas. De acordo com o jovem, havia um medo excessivo por parte dos garotos de que determinadas condutas fossem vistas como “machistas” ou “sexistas”, por isso evitavam a todo custo uma aproximação mais intensa com o sexo oposto. Ele relatou que as “meninas cumprimentavam os caras estendendo a mão, e que elas se vestiam com calça jeans e camisetas de banda”. E completou: “Beijar garotas no rosto era considerado sexismo, saca?”. De fato, muitas coisas mudaram, como o emprego do beijo no rosto como forma de cumprimento e a utilização de roupas mais curtas e decotadas pelas garotas, porém, mesmo assim, é possível indicar que o constrangimento produzido pela “ameaça sexista” ainda paira sobre a cabeça dos jovens, ao menos àqueles que estão nos shows.

A constatação de que frequentadores dos shows de música hardcore se diferenciam daqueles que frequentam as tradicionais baladas, no que diz respeito a uma performance erótico-afetiva, não significa afirmar que a cena Straightedge de São Paulo, como qualquer outra do mundo, está isenta de machismo²⁴ e outras formas de violência de gênero. Mesmo que muitas garotas straightedges reconheçam que há nesses eventos uma maior possibilidade de democratização dos gêneros, tanto no que diz respeito à participação feminina no moshpit²⁵, como também no que diz respeito a um menor assédio por parte dos garotos, pude constatar várias denúncias de machismo. Dentre as principais queixas das garotas destaca-se uma incessante

23 Defino como des-erotização a ausência de trocas erótico-afetivas no espaço. Sabemos que os vínculos sociais formados pelas sociabilidades juvenis possuem uma dimensão erótica e que se expressa no prazer experimentado pelo estar-junto espontaneamente, como nos aponta Maffesoli (2006).

24 Em 2013, um caso envolvendo jovens com esse perfil ganhou destaque na cena Straightedge de São Paulo. Um grupo (Crew) chamado The Kings, uma espécie de fraternidade masculina Straightedge, foi denunciado por coletivos feministas, e não apenas, após descobrirem que eles possuíam também um grupo virtual responsável pelo compartilhamento de fotos de mulheres jovens em situação de intimidade, algumas delas, seriam de relações sexuais com os próprios membros do grupo. Ver: <http://acaointersexista.tk/sobre-os-kings-misoginia-na-cena-straight-edge-de-sp-mais-de-um-ano-depois/>

25 É a pista da pista de dança onde se executa a performance hardcore.

cobrança por parte dos garotos. Afirmavam que se sentiam pressionadas a terem de provar para os rapazes que estavam ali porque gostavam realmente de hardcore e não porque eram “modistas” ou simplesmente porque estavam acompanhando o namorado. Em algumas situações de campo pude presenciar conversas de rapazes sobre a participação feminina na cena Hardcore/Straightedge, e eles sempre destacavam que esperavam que elas não fossem como “as outras”, fazendo alusão àquelas que supostamente teriam deixado de frequentar os shows por um rompimento amoroso ou porque “caíram²⁶”. As provas que as jovens se referiam, compreendia desde o conhecimento sobre música, especialmente sobre as bandas (conhecer a letra das músicas, por exemplo), saber diferenciar os subgêneros do hardcore (old school, new school, HCNY, Metalcore, etc.). Certamente não se tratava de um interrogatório, mas elas diziam reconhecer as sutilezas da cobrança.

Outra queixa frequente compreendia a postura dos rapazes em relação às garotas que buscavam dividir o espaço com eles no moshpit. Algumas relataram que eram incitadas a deixar o espaço porque os meninos não se sentiam à vontade na presença delas. Explicaram que alguns não aceitavam o fato de ocasionalmente serem machucados por uma garota; também comentaram que temendo machucá-las, os rapazes precisariam dançar com mais cautela, o que significa diminuir a intensidade da dança, atitude que os irritava profundamente. Desse modo, construía uma estratégia para desloca-las da pista a partir do contato corpo a corpo. Durante as minhas observações, não pude perceber essa estratégia de maneira explícita, pelo contrário, sempre me surpreendeu o fato de haver garotas que não se sentiam intimidadas em participar de uma performance cuja marca é a agressividade dos movimentos. Geralmente os relatos das garotas que dividiam o moshpit com os rapazes eram atravessados por falas onde se podia perceber uma valorização da coragem, bem como dos hematomas obtidos durante a dança. Sangramentos, desmaios, escoriações passavam a ser vistos como insígnias de poder, que garantiam as mesmas um estatuto diferenciado, seja em relação aos rapazes, seja em relação às outras garotas que frequentavam os eventos, mas que mantinham distância da pista.

Os rapazes possuíam um discurso ambíguo em relação às “mosheiras”. Enquanto salientavam a importância de ter mais garotas participando dos shows e dividindo o espaço com eles no moshpit, alguns as desvalorizavam justamente por essa condição. Muitas vezes, pude ouvir e ver comentários depreciativos, tais como: “Essas minas que dançam são todas zoadas”, ou “Acho que não namoraria uma mina com esse perfil”. Discurso que não era exclusividade dos rapazes. Algumas garotas também se utilizavam de expressões semelhantes para desqualificá-las, e acrescentavam falas como: “Elas só querem se exibir para os garotos!” Ou “Elas são modistas!”. As mosheiras, por sua vez, rebatiam tais discursos afirmando que as meninas que não “entravam na roda” eram “patricinhas de shopping e/ou frescas²⁷”.

26 “Cair” é a expressão utilizada na cena straightedge brasileira para fazer referência à ruptura de um adepto com os ideais do estilo de vida, mediante a ingestão de drogas lícitas ou ilícitas. É semelhante ao “Break Edge” nos EUA. Bittencourt (2015) discorre sobre a noção de “caído” utilizada pelos straightedges brasileiros a partir de referências extraídas do imaginário cristão, especialmente “a queda de Lúcifer” e a “queda de Adão e Eva”. “Em ambos os acontecimentos, a queda pode ser traduzida como o castigo pela traição daqueles que fraquejaram sucumbindo às paixões...” (p.85).

27 O primeiro termo pejorativo é utilizado para classificar garotas das classes abastadas cuja diversão seria o consumo em shopping centers. Já o segundo, consiste em uma expressão atribuída a pessoas que supostamente evitariam desempenhar determinadas ações por considerá-las muito rudes. Homens e mulheres podem ser considerados “frescos” ou “frescas”. Em ambos os casos trata-se de sinais de fraqueza, mas em relação aos homens, a expressão também visa a “feminilização” de suas condutas.

Como é possível perceber os conflitos de gênero são mais complexos do que se pode imaginar, e ele não se assenta exclusivamente na relação entre homens e mulheres. Há também situações envolvendo discriminações em relação a homossexuais, principalmente advindas de jovens que defendem uma linguagem masculinizante do hardcore, com maior incidência entre os simpatizantes de subgêneros como o HCNV e Metalcore²⁸. Certamente não se trata de uma generalização, porém, na cena hardcore/punk paulistana, o culto à virilidade se expressa de maneira mais intensa entre esses jovens, e acredito que não seja diferente em outros países.

O Coletivo Verdurada, um dos mais importantes difusores do estilo de vida Straightedge em São Paulo, ao longo de sua existência tem promovido discussões sobre machismo e homofobia na cena, visando à diminuição dessas práticas, porém, pouca coisa mudou. Violências de gênero como o machismo e a homofobia não são exclusividades de estilos de vida jovem como o Straightedge, elas ganham forma nesses grupamentos porque essas microssociedades expressam hierarquias presentes na sociedade mais ampla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi discutido ao longo do texto, o estilo de vida Straightedge abraçado por inúmeros jovens no Brasil não é uma reprodução daquele vivenciado nos EUA, apesar do boicote às drogas e a paixão pela música hardcore uni-los sob o mesmo rótulo. Geralmente há uma tendência a homogeneização em virtude da espetacularização dos elementos estéticos responsáveis pelo pertencimento identitário dos jovens. Certamente, a incidência maior desse discurso está situada em matérias jornalísticas veiculadas na mídia impressa e televisiva. De qualquer forma, não podemos perder de vista o encantamento que conceitos como tribos urbanas ou mesmo subculturas exercem sobre nós, pesquisadores sociais. Muitas vezes, na ânsia de revelarmos aspectos que definem a filiação dos jovens a determinados grupos, esquecemos que os mesmos possuem trajetórias particulares e que os sentidos por eles articulados são atravessados por marcadores sociais como classe, raça e gênero e que estes impactam de maneira significativa o pertencimento deles aos diferentes grupos. Problematizar a complexidade dos estilos de vida jovem é uma maneira de escaparmos de rótulos totalizadores. Em vários momentos da pesquisa (e não apenas) fui confrontado por visões extremamente essencializadas em torno do jovem straightedge. Quase sempre ele era percebido como “careta”, “conservador”, “reacionário”, expressões que também eram reproduzidas por colegas pesquisadores, que pareciam ter esquecido um dos mais importantes corolários durkheimianos: o afastamento das prenoções. Era como se o agente não possuísse agência, e o que é pior, ele parecia estar submetido apenas às regras do grupo ao qual fazia parte. Desse modo, o machismo, a homofobia, a hipermasculinização aparecia como uma característica do Straightedge e não da sociedade mais ampla.

A ideia de apresentar nesse artigo alguns elementos aparentemente “contraditórios” do straightedge brasileiro, especificamente do paulistano, foi motivada justamente por essas inquietações que me acompanharam durante toda a pesquisa. Não se trata de sair em defesa dos jovens oferecendo imagens contrastantes que venham fazer frente às percepções apresentadas

28 Uma discussão interessante sobre o impacto da música hardcore produzida em Nova Iorque na formação de um tipo ideal masculino pode ser encontrada no texto “This Small World: The Legacy and Impact of New York City Hardcore Punk and Straight Edge in the 1980s” de Alan Parkes.

acima, mas sim de compreender os sentidos de pertencimento e as suas visões de mundo como produtos dos múltiplos agenciamentos aos quais estão submetidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atkinson, Michael. 2006. "Straightedge Bodies and Civilizing Processes" In: *Body & Society*. Sage Publications (London, Thousand Oaks and New Delhi). Vol.12(1): pp. 69-95.
- Bennett, Andy. 1999. *Subcultures or neo-tribes? Rethinking the Relationship between Youth, Style and Musical Taste*. Sociology. Vol. 3, nº 3, p. 599-617.
- Bittencourt, João Batista de Menezes. 2012. "Corpo e afeto nas culturas juvenis". *Latitude*, v. 6, nº 1, pp. 25-36.
- _____. 2015. *Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografica dos Straightedges em São Paulo*. São Paulo: Annablume.
- Bourdieu, Pierre. 2005. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. 2007. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk.
- Caiafa, Janice. 1985. *Movimento Punk na cidade – a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (2007). *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Costa, Márcia Regina da. (2000). *Os carecas do subúrbio – caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo: Musa Editora.
- Douglas, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Feixa, Carles. 2004. "Los estudios sobre culturas juveniles en España – 1960-2004". *Revista de Estudios de Juventud*, 64, mar., Madrid.
- Freire Filho, João. 2007. *Reinvenções da resistência juvenil – os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Giddens, Anthony. 2002. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Guerra, Paula; Silva, Augusto Santos. 2015. *As palavras do Punk: uma viagem fora dos trilhos pelo Portugal contemporâneo*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Hall, Stuart. & Jefferson, Tony. (orgs.). 1976. *Resistance through Rituals: Youth Subcultures in Post-War Britain*. London, Hutchinson
- Haenfler, Ross. 2004. "Rethinking Subcultural Resistance: Core Values of the Straight Edge Movement." *Journal of Contemporary Ethnography*. 33 (1): 406-436.
- _____. 2006. *Straight Edge: Clean-Living Youth, Hardcore Punk, and Social Change*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Kemp, Kenia. 1993. *Grupos de Estilo Jovens: o "Rock Underground" e as práticas (contra) culturais dos grupos "punks" e "trashs" em São Paulo – (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas*.
- Kuhn, Gabriel. 2010. *Sober Living for the Revolution: Hardcore Punk, Straight Edge and Radical Politics*. Oakland, CA: PM Press.
- Maffesoli, Michel. 2006. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Magnani, José Guilherme Cantor. 1992. "Tribos urbanas, metáfora ou categoria?". *Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia*. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 2 (2)

- Magnani, José Guilherme Cantor. 2005. "Os circuitos dos jovens urbanos". *Tempo Social – Revista do Departamento de Sociologia*, FFLCH/USP, São Paulo. V. 17, n. 2.
- Muggleton, David. 2002. *Inside Subculture: The Postmodern Meaning of Style*. Oxford: Berg.
- Parkes, Alan. 2014. "This Small World: The Legacy and Impact of New York City Hardcore Punk and Straight Edge in the 1980s," *The Forum: Journal of History*: Vol. 6: Iss. 1, Article 10.
- Straw, Will. 1991. "Systems of Articulation Logics of Change: Communities and Scenes in Popular Music". *Cultural Studies* 5 (3), 368–388.
- Thornton, Sarah. 1995. *Club Cultures: Music, Media and Subcultural Capital*. Oxford: Polity.
- Weber, Max. 2004. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

DEALING WITH MANNERS: STRAIGHTEDGE LIFESTYLE IN BRAZIL AND DISCOURSES ABOUT SEXUALITY AND POLITICS

This article discusses experiences of young adepts of the straightedge lifestyle, particularly their relationship with behavioural standards which form the core of this group identity, like the rejection of licit and illicit drugs, and the reprobation of "promiscuous" sex. For this purpose, two recurrent themes in the narratives of youths—the politicization of the Brazilian straight edge scene and the low adherence to sexual abstinence—are analyzed. The article's purpose is not to show what elements differentiate the Brazilian straightedges from those of other places, but to demonstrate that these discursive formations show a major trading among the rules that define group belonging and those defined by young people themselves, from their different trajectories.

Keywords: Straightedge, Politics, Sexuality

Recebido em: 2016-05-31

Aceitado em: 2016-12-20